

## DEPRESSÃO E SOFRIMENTO PSÍQUICO EM AMBIENTES UNIVERSITÁRIOS DE PESSOAS LGBTQIA+

Lauriane Oliveira Cavalcante<sup>1</sup>

Mônica Larissa Silva de Sousa<sup>1</sup>

Daniele Matos de Moura Brasil<sup>1</sup>

Rochelle da Costa Cavalcante<sup>1</sup>

Sarah de Sousa Ferreira<sup>2</sup>

Pedro Everson Alexandre de Aquino<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo deste estudo foi identificar a prevalência do autorreconhecimento de depressão na população universitária LGBTQIA+. Para tanto realizou-se um estudo de campo com abordagem qualitativa com 66 universitários que se autorreconheceram como pertencentes à comunidade LGBTQIA+. O ambiente de pesquisa foram as diversas redes sociais da internet, através da disseminação do Inventário Beck de Depressão, pelo método Bola de Neve iniciado em julho de 2020, e finalizado em novembro do mesmo ano. Os estudantes universitários de Fortaleza, no estado do Ceará, apresentaram grau de depressão leve, com maior incidência de sintomatologia depressiva grave e moderada nas orientações sexuais/identidades de gênero: assexual; bissexual e gay. O ambiente universitário, apesar de ser considerado um espaço libertário e libertador das amarras das imposições heteronormativas, ainda é fortemente influenciado por essa heteronormatividade opressora e discriminante, fazendo com que as causas da depressão em universitários LGBTQIA+ sejam as mesmas replicadas durante séculos de opressão heteronormativa.

**Palavras-chave:** Depressão, Minorias, Sexualidade, Identidade de gênero, Universidades.

**Abstract:** The aim this work is to identify the prevalence of self-recognition of depression in the LGBTQIA + university population. For this, a field study with a qualitative approach was carried out with 66 university students who self-recognized as belonging to the LGBTQIA + community. The research environment was the various social networks on the internet, through the dissemination of the Beck Depression Inventory, by the Snowball method started in July 2020, and completed in November of the same year. University students in Fortaleza, in the state of Ceará, had a degree of mild depression, with a higher incidence of severe and moderate depressive symptoms in sexual orientations/gender identities: asexual; bisexual and gay. The university environment, despite being considered a libertarian space and freeing the bonds of heteronormative impositions, is still strongly influenced by this oppressive and discriminating heteronormativity, causing the causes of depression in LGBTQIA + university students to be the same replicated during centuries of heteronormative oppression.

**Key words:** Depression. Minorities. Sexuality. Gender identity. Universities.

---

<sup>1</sup> Graduandas em enfermagem do Centro Universitário Maurício de Nassau – UNINASSAU

<sup>2</sup> Pós-graduanda pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

<sup>3</sup> Professor do Centro Universitário Maurício de Nassau-UNINASSAU

## Introdução

A depressão e o sofrimento psíquico são transtornos mentais com ocorrência muito frequente. Estima-se que mais de 300 milhões de pessoas, de todas as idades, sofram com a depressão. Esse transtorno gera uma incapacidade significativa e tem participação acentuada na vulnerabilização do indivíduo em relação a outras doenças, podendo se tornar um problema de saúde severo. Indivíduos depressivos apresentam queda no ritmo de trabalho, problemas na escola ou no meio familiar (OPAS, 2018). As principais características da depressão são: tristeza recorrente e persistente, humor depressivo, desinteresse por estar com outras pessoas, apatia, perda ou excesso de apetite, sentimento de culpa, desânimo, ideação suicida, violência, entre outras (SILVA; MELO; MELLO, 2019). Os sintomas vão depender do tipo de depressão que o indivíduo apresenta.

A depressão pode ser dividida, em depressão de origem leve, moderada ou grave. Na depressão de modo leve, o indivíduo apresentará dificuldades em desenvolver alguma atividade simples de origem sociais contudo, sem muito danos. Já em relação aos episódios depressivos graves, é improvável que uma pessoa afetada possa continuar a exercer qualquer atividade de cunho social (SILVA; MELO; MELLO, 2019).

De acordo com Rios et al., (2018), altos índices de discriminação, depressão e sofrimento psíquico tem sido relatados entre a população LGBTQIA+. Índices esses muito superiores aos encontrados em relação à população heterossexual. Esse contexto se deve à estigmatização da população LGBTQIA+, cujos processos depressivos decorrentes dessa estigmatização são ampliados pela sensação de opressão, inferioridade, culpa e outros sentimentos negativos.

Os universitários LGBTQIA+, por não terem um comportamento que se enquadra dentro dos padrões convencionados pela sociedade patriarcal e machista, e ao “esperado” pelos professores e colegas de turma, muitas vezes se sentem inferiorizados e discriminados. E assim, não encontram, com facilidade, um grupo com o qual possam se identificar ou conviver de forma harmoniosa (SILVA; MELO; MELLO, 2019).

Neste sentido, pesquisas que abordem o autorreconhecimento de depressão na população universitária LGBTQIA+ são muito importantes, visto que a produção nacional sobre a temática ainda é muito baixa, sobretudo em relação aos universitários. Este fato traduz a falta de uma análise mais profunda sobre o problema, dificultando a adoção de medidas que poderiam minimizar a prevalência de depressão nessa população. Portanto, este estudo tem como objetivo identificar a prevalência do autorreconhecimento de depressão na população universitária LGBTQIA+, na cidade de Fortaleza, estado do Ceará, bem como verificar as causas primárias do desenvolvimento da depressão destes universitários.

## Metodologia

Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa subsidiado por pesquisa de campo. A amostra foi composta por todos os sujeitos, universitários LGBTQIA+ de Fortaleza, que aceitaram participar livremente da pesquisa, respondendo a um questionário. Foi alcançado um número de 66 participantes.

Para atender aos objetivos da pesquisa, o estudo de campo foi realizado utilizando-se o método Bola de Neve. Em virtude da incerteza do cenário da saúde no estado do Ceará por conta da pandemia do Covid-19, o local do estudo foi o ambiente da internet. O contato com estudantes universitários e grupos de estudantes universitários de Fortaleza que se autorreconheciam como pertencentes às comunidades LGBTQIA+ foi realizado por meio de redes sociais (*Instagram, Facebook, WhatsApp*) potencializando a possibilidade do aumento da amostragem dessa pesquisa. A coleta de dados foi realizada entre os meses de junho e novembro de 2020.

O método Bola de Neve é um tipo de amostragem não probabilística, que se utiliza de vínculos de referência. Mesmo não permitindo estabelecer a probabilidade da escolha dos participantes da pesquisa, esse método é muito importante quando se estudam grupos cujo acesso seja dificultado (VINUTO, 2014).

O instrumento de coleta de dados foi o Inventário Beck de Depressão disponível no *Google Forms*. O referido inventário é um questionário de autorrelato, constituído por 21 itens, cujas afirmações são valoradas de zero a três, utilizado para a medição do grau de depressão de um indivíduo. A escala de pontuados dos resultados se dá da seguinte forma: Pontuação de 0 a 13: nenhuma depressão; Pontuação de 14 a 19: depressão leve; Pontuação de 20 a 28: depressão moderada; Pontuação de 29 a 63: depressão grave. O Inventário Beck de Depressão (IBD) foi divulgado nas redes sociais tanto em grupos dessas redes quanto individualmente. Cabe informar que a pesquisa foi difundida, inicialmente, em mais de 20 grupos, cujos administradores se prontificaram, pessoalmente, a também participar da pesquisa.

É importante ressaltar que esse projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Uninassau. Todos os voluntários da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

## Resultados e Discussão

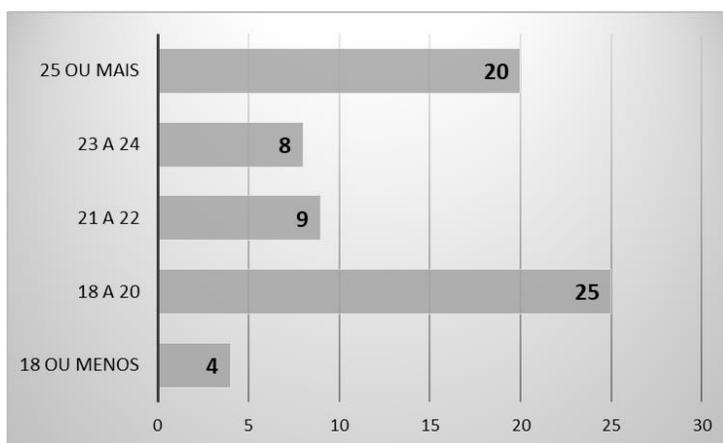
### Aspectos introdutórios

Do total de participantes da pesquisa (66), 40 deles (60,6%) afirmaram que o fato de pertencerem à comunidade LGBTQIA+ não influenciou em suas respostas, enquanto 17 participantes (25,8%) tiveram a certeza de que essa condição, sim, os

influenciou. Outros nove participantes (13,6%) não tiveram certeza se o fato de pertencerem à comunidade citada os influenciou em suas respostas.

Esses resultados indicam de que a maioria dos participantes não relacionam suas respostas ao fato de pertencerem à comunidade LGBTQIA+. Contexto que permite afirmar que os dados dessa pesquisa são, de fato, um reflexo real dos sentimentos dos participantes.

Na figura 1 é possível identificar a faixa etária dos participantes. Quanto à idade 4 (6%) possuíam até 18 anos; 25 (38%) estavam na faixa entre 18 e 20 anos; 9 (14%) tinham entre 21 e 22 anos; 8 (12%) estavam na faixa etária entre 23 e 24 anos e; 20 (30%) tinham 25 anos ou mais.

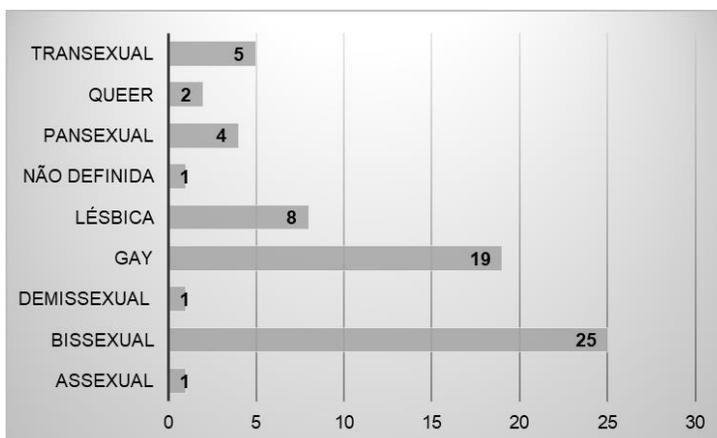


**Figura 1-** Faixa etária dos participantes.

Assim, é possível afirmar que a média de idade dos respondentes do Inventário Beck de depressão (IBD) entre a população universitária de Fortaleza encontra-se na faixa entre 18 e 25 anos ou mais. Isso evidencia uma maioria de participantes composta por jovens adultos.

### **Aspectos do autorreconhecimento**

De início, procurou-se conhecer, junto aos respondentes do IBD, qual a orientação sexual ou identidade de gênero foram autorreconhecidas como sendo as suas próprias orientações e identidades. E os resultados foram os seguintes: 25 (38%) participantes se consideram bissexuais; 19 (29%), se dizem gay; 8 (12%), se disseram lésbicas; 5 (8%) se autodefiniram como transexuais; 4 (6%), informaram ser pansexuais; 2 (3%) participantes relataram *queer*; 1 (2%) participante se disse assexual; 1 (2%) demissexual e; 1 (2%) participante disse que, ainda não sabia definir. Os dados estão apresentados na figura 2.



**Figura 2** - Autodefinição sexual dos participantes.

A diversidade de respostas demonstra uma certa heterogeneidade de pensamentos quanto à sexualidade dos participantes desse estudo. Contudo, de acordo com Bagagli (2017), seria necessária uma investigação mais aprofundada para compreender os significados sociais do entrelaçamento entre identidades de gênero e sexualidade que os fizeram se autodefinir como pertencente a um determinado segmento LGBTQIA+; provavelmente, um bom mote para futuras pesquisas.

### Aspectos relacionados ao IBD

A partir desse tópico serão destacados os resultados do IBD junto à comunidade LGBTQIA+. Inicialmente, os resultados foram divulgados de acordo com os principais dados de todos os participantes. Na sequência foram tratados de forma mais individualizada em função do autorreconhecimento das orientações sexuais e identidades de gênero.

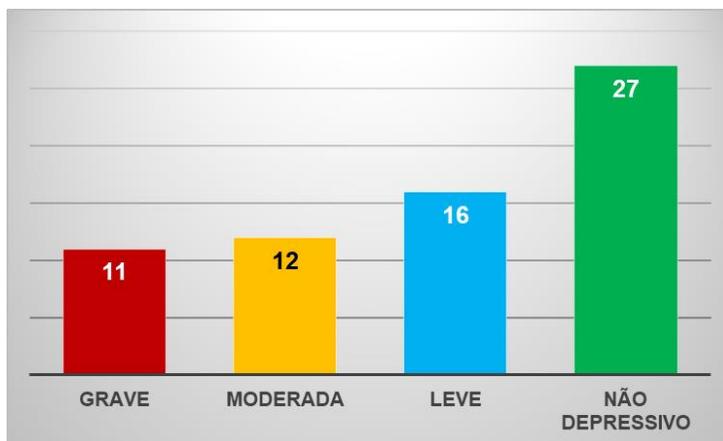
Assim, em relação a sentir-se triste, 38 (57,6%) participantes responderam que se sentiam dessa forma, seguidos por 21 (31,8%) pessoas que disseram não possuir esse sentimento. Contudo, sendo a tristeza um dos sintomas característicos da depressão, pode-se inferir que existe certo grau de depressão entre aqueles que afirmaram sentir tristeza. De acordo com Wolff e Saldanha (2015), sabe-se que as pessoas que se autorreconhecem como fora dos padrões heteronormativos possuem até duas vezes mais chances de receber o diagnóstico de depressão, como também afirmam Silva, Melo e Mello (2019).

Quanto a estar animado, ter esperanças e boas perspectivas quanto ao futuro, 34 (51,5%) participantes alegaram que não se sentiam desanimados. Apenas 14 (21,2%) relataram não ter boas perspectivas quanto ao futuro.

Em relação a não sentir mais prazer nas coisas como antes, 36 (54,5%) participantes dessa pesquisa responderam se encontrar nesta condição. Esse resultado indica a existência de um quadro depressivo nesse grupo de participantes. Isso fica evidente, pois esse resultado se insere nos sintomas de depressão definidos pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), que aponta “interesse ou prazer acentuadamente diminuídos por todas ou quase todas as atividades” (ALMEIDA; BENEDITO; FERREIRA, 2019, p. 650).

Esses resultados causam preocupação, pois a tristeza, o desânimo e a apatia são considerados sintomas de quadros depressivos que podem evoluir para a situação de pôr em risco a própria existência. Esse contexto ganha contornos ainda mais preocupantes nessa pesquisa, pois 32 (48%) participantes confirmaram já terem tido ideia e ou vontade de tirar a própria vida. Essa realidade também foi apontada no estudo de Silva, Melo e Mello (2019).

De forma geral, o inventário Beck de depressão utilizado nessa pesquisa apontou a ocorrência de sintomas depressivos de natureza grave, moderada, leve. Também encontrou a inexistência desses sintomas em algumas pessoas, como pode ser observado na Figura 3.



**Figura 1** - Número de pessoas por grau de depressão.

Essa pesquisa, a partir da análise do IBD, também permitiu avaliar o grau de depressão dos participantes, tanto individualmente quanto pelo autorreconhecimento de suas orientações sexuais e identidades de gênero. Nesse contexto, dos 25 participantes que se autorreconheceram como bissexuais: 3 (12%) foram encontrados com nível de depressão grave; 8 (32%), com depressão moderada; 7 (28%), com depressão leve e; outros 7 (28%) não apresentaram sinais de depressão. Em relação aos 19 participantes gays foram encontrados os seguintes resultados: 4 (21%) apresentaram quadro de depressão grave; 1 (5,3%) participante apresentou depressão

moderada; 3 (15,8%) foram identificados como portadores de depressão leve e; em 11 (57,9%) não foi identificado nenhum quadro depressivo. Quanto às oito participantes que se autorreconheceram como lésbicas, nenhuma apresentou quadro grave de depressão, contudo: 1 (12,5%) apresentou depressão moderada; 3 (37,5%) apresentaram depressão leve e; 4 (50%) não apresentaram quadro depressivo. Dos quatro participantes que se autodefiniram como pansexual: 2 (50%) apresentaram quadro grave de depressão; 1 (25%) apresentou quadro depressivo leve e; 1 (25%) não foi encontrado em depressão.

Dos dois respondentes que se definiram como *queer*, 1 (50%) foi identificado com quadro grave de depressão e outro (50%) apresentou quadro depressivo considerado leve. Entre os cinco participantes que relataram ser transexuais: 2 (40%) apresentaram quadro de depressão moderada e; 3 (60%) não foram encontrados com qualquer nível de depressão. Só um participante se autodefiniu como assexual, sendo que este alcançou o maior escore entre todos os demais (45), contexto que o coloca como portador de quadro depressivo grave. Também só houve um participante que se autodefiniu como demisssexual, entretanto, este participante não apresentou nenhum traço de depressão segundo o inventário utilizado. Por fim, um participante que não se reconhecia como hétero e tampouco tinha certeza sobre sua sexualidade apresentou um quadro depressivo considerado leve.

Com a finalidade de estabelecer o máximo de análises possíveis, realizou-se uma específica, a partir daquilo que se convencionou, de forma arbitrária, como “pessoas monossexuais”, onde foram inseridos os grupos de gays e lésbicas e os “plurissexuais”, como os bissexuais, *queer*, transexuais, demisssexuais, e, no caso dos grupos representados nessa pesquisa, o participante “não-definido”. Ficou de fora dessa estratificação, apenas o participante que se autodefiniu como assexual.

Assim, a partir da estratificação entre os grupos monossexuais e plurissexuais, foram encontrados os seguintes resultados: entre os 27 participantes considerados monossexuais: 4 (14,8%) apresentaram depressão grave; 2 (7,4%) foram identificados com depressão moderada; 6 (22,2%), com depressão leve e; 15 (55,6%) não apresentaram sintomatologia depressiva. Dos 38 participantes considerados plurissexuais: 6 (15,8%) apresentaram depressão grave; 11 (28,9%) apresentaram depressão moderada; 9 (23,7%), com depressão leve e; 12 (31,6%) não apresentaram depressão.

Os resultados demonstraram que os participantes considerados monossexuais apresentaram menor sintomatologia depressiva que aqueles considerados plurissexuais. Esse resultado, no entanto, difere dos resultados encontrados no estudo de Gomes (2019), embora, como o próprio autor salienta, esses resultados mereçam uma análise mais cuidadosa, haja vista a baixa representatividade relativa ao universo de pessoas participantes.

Generalizando e somando os escores de todos os participantes e traçando a média simples, percebeu-se que todos os participantes, independentemente de suas orientações sexuais e identidades de gênero, se situaram no que o IBD sugere como

sendo um quadro de depressão leve. Contudo, como já salientado, os resultados apontam que a comunidade LGBTQIA+ é bastante vulnerável a episódios depressivos e adoecimento psíquico, como sugere Gomes (2019).

Embora a depressão também atinja crianças e adolescentes, possui mais chances de ocorrer no início da vida adulta (BRESOLIN et al., 2020). É justamente no início da fase adulta que a maioria das pessoas inicia suas experiências na vida acadêmica.

A população acadêmica, de forma geral, inicia sua história universitária com inúmeros questionamentos e dúvidas. O grande número de disciplinas, a incerteza de se encaixar no mercado de trabalho após concluir o curso, as expectativas familiares, entre outros, são fatores desencadeadores de sintomas depressivos (BRESOLIN et al., 2020). Esses fatores podem ser, substancialmente, potencializados quando o indivíduo se autorreconhece como parte da comunidade LGBTQIA+.

Não sendo poucas as pressões sentidas fora do ambiente acadêmico (trabalho, família, etc.), o universitário LGBTQIA+, ainda tem que conviver com a mesma pressão, agora em um ambiente que *a priori* deveria se destacar por ideias e ideais vanguardistas e não preconceituosos. Essa situação amplia a possibilidade de adoecimento psíquico e depressão (BRESOLIN et al., 2020).

Para Rios et al., (2018), a pressão exercida sobre essa população faz com que comecem a ocorrer comportamentos incomuns na tentativa de esconder a orientação sexual: discrição extrema, beirando a timidez e o afastamento social; evitar contato com indivíduos que se assumiram publicamente e/ou que se vestem como mulheres (no caso de nascidos homem) ou como homens (no caso de nascidas mulheres). Tal contexto, de vivenciar uma vida que não é sua, foi reportado como potencializadores de episódios depressivos por 67,8% dos participantes deste estudo.

## Considerações Finais

O ambiente universitário, embora possa ser visto como um espaço libertário e libertador das amarras das imposições heteronormativas impostas durante séculos e existente/persistente até os dias atuais, ele ainda é fortemente influenciado por essa heteronormatividade opressora e discriminante.

De acordo com o Inventário Beck de Depressão (IBD), os estudantes universitários de Fortaleza apresentam grau de depressão leve, com maior incidência de sintomatologia depressiva grave e moderada nas orientações sexuais/identidades de gênero: assexual, bissexual e gay. Já os grupos com práticas monossexuais (gays e lésbicas) apresentaram menor sintomatologia depressiva que os plurissexuais (demais orientações e identidades de gênero).

As causas que fazem com que os universitários LGBTQIA+ de Fortaleza desenvolvam depressão, são as mesmas replicadas durante séculos de opressão heteronormativa. Neste contexto, encontram-se o preconceito, a não conformidade

com os anseios da sociedade, a discriminação e a invisibilidade. Esta última, bastante preocupante, principalmente levando-se em conta as dificuldades do acesso universal aos equipamentos estatais de cuidado à saúde física e mental dessa população.

Portanto, acredita-se que os resultados deste estudo possam beneficiar o próprio público-alvo da pesquisa, provendo-lhes subsídios para uma percepção precoce de um possível quadro depressivo. Ou, ainda, para a constatação da necessidade de buscar ajuda profissional, tanto para si como para outros.

## Referências

- ALMEIDA, H. M. D. S.; BENEDITO, M. H. A.; FERREIRA, S. B. Quebrando tabus: os fatores que levam o suicídio entre universitários. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, n.2, suplementar, p. 647 - 659, 2017.
- BAGAGLI, B. P. Orientação sexual na identidade de gênero a partir da crítica da heterossexualidade e cisgeneridade como normas. **Letras escreve**, v. 7, n. 1, p.137-164, 2017.
- BRESOLIN, J. Z. *et al.* Sintomas depressivos em estudantes universitários da área da saúde. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 28, p. e3239, 2020.
- GOMES, G. S. R. “**Over the rainbow**”: a saúde física e mental de minorias sexuais. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida , Lisboa, 2019.
- SILVA, B. L.; MELO, D. S.; MELLO, R. A sintomatologia depressiva entre lésbicas, gays, bissexuais e transexuais - um olhar para a saúde mental. **Revista Enfermagem UERJ**, [S.l.], v.27, p. E41942, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/enfermagemuerj/article/view/41942/30990>. Acesso em: 17 ago. 2021. doi:<https://doi.org/10.12957/reuerj.2019.41942>.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE - OPAS. **Folha Informativa - Depressão**. Brasília: OPAS/BR, 2018.
- RIOS, L. F. *et al.* "Foi como se a gente tivesse visto a morte": estigmatização, sofrimento psíquico e homossexualidade. **Laplace em Revista**, v. 4, n.1, p. 140-158, 2018.
- VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.
- WOLFF, C. S.; SALDANHA, R. A. Gênero, sexo, sexualidades. Categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, v. 9, n. 16, p. 29-46, 2015.